



7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 27 de setembro de 2022

Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Na segunda-feira	Euro Comercial, venda na segunda-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
2,33% São Paulo	111.936	R\$ 1.212	R\$ 5,381 (+ 2,53%)	R\$ 5,175	13,65%	13,66%	Abril/2022 1,06 Maio/2022 0,47 Junho/2022 0,67 Julho/2022 -0,68 Agosto/2022 -0,36
1,11% Nova York	109.114						
	21/9 22/9 23/9 26/9						
			Últimos				
			20/setembro 5,152				
			21/setembro 5,173				
			22/setembro 5,114				
			23/setembro 5,248				

CONJUNTURA

Prolongamento da guerra na Ucrânia e aumento de juros para conter alta da inflação vão desacelerar crescimento econômico em todo o mundo, segundo relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômicos

OCDE reduz previsão do PIB global em 2023

» RAFAELA GONÇALVES

O choque nas economias globais com a guerra na Ucrânia e o aumento das taxas de juros para conter a inflação levaram a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômicos (OCDE) a rever para baixo suas projeções de crescimento em todo o mundo. Em seu relatório, intitulado "Pagando o preço da guerra", a organização prevê um crescimento global modesto de 3% para economia em 2022, que deve desacelerar para 2,2% em 2023, estimativa 0,6% menor que anterior, divulgada em junho.

O número está bem abaixo do ritmo de crescimento econômico projetado antes da guerra e representa cerca de US\$ 2,8 trilhões de perdas no mundo no ano que vem. Segundo a OCDE,

o conflito deve continuar afetando a economia, em particular nos preços da energia e dos alimentos. A previsão de inflação mundial foi elevada para 8,2% em 2022 e 6,6% em 2023. "As pressões inflacionárias são cada vez mais generalizadas, com o aumento dos custos da energia, transportes e outros que são transferidos para os preços", destacou o relatório.

Em linha com as previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI), a organização projeta que o Brasil crescerá 2,5%, quase dois pontos acima da estimativa de junho, bem superior às previsões iniciais. No entanto, a estimativa para 2023 foi 0,4 ponto percentual abaixo da previsão anterior, projetando que o país deve crescer apenas 0,8% no próximo ano.

Segundo o economista e professor da Universidade de

Brasília (UnB), José Luis Oreiro, o crescimento mais expressivo neste ano não é sinônimo de que a economia brasileira esteja pujante e em pleno crescimento. "Na verdade é o resultado das medidas fiscais extremamente expansionistas e eleitorais, chamando atenção para a redução do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) dos combustíveis e da eletricidade, que reduziram a inflação", disse.

A guerra elevou ainda mais os preços da energia, especialmente na Europa, agravando as pressões inflacionárias em um momento em que o custo de vida já estava subindo rapidamente em todo o mundo devido aos impactos persistentes da pandemia de covid-19. Por outro lado, o economista destacou que o conflito acabou favorecendo o

Brasil com o preço das commodities agrícolas. "Ajudou o valor das exportações brasileiras, principalmente da soja. A combinação de todos esses elementos vai fazer a economia brasileira se expandir 2,5%, mas eu quero chamar atenção que esse meio por cento é inferior a nossa média", acrescentou.

O economista especialista em macroeconomia e doutorando em ciência política, Felipe Queiroz, atribui o baixo crescimento projetado para os próximos anos à recuperação lenta da indústria, que é quem realmente contribui para o aquecimento da economia. "Nos últimos anos perdemos capacidade de produção de fertilizantes, de refino e de petróleo. Além disso, a indústria em diferentes setores está estragada, isso contribui para que as projeções, especialmente dos

organismos internacionais, sejam não apenas conservadoras, mas muito cautelosas e até mesmo pessimistas em relação à capacidade do país crescer", afirmou.

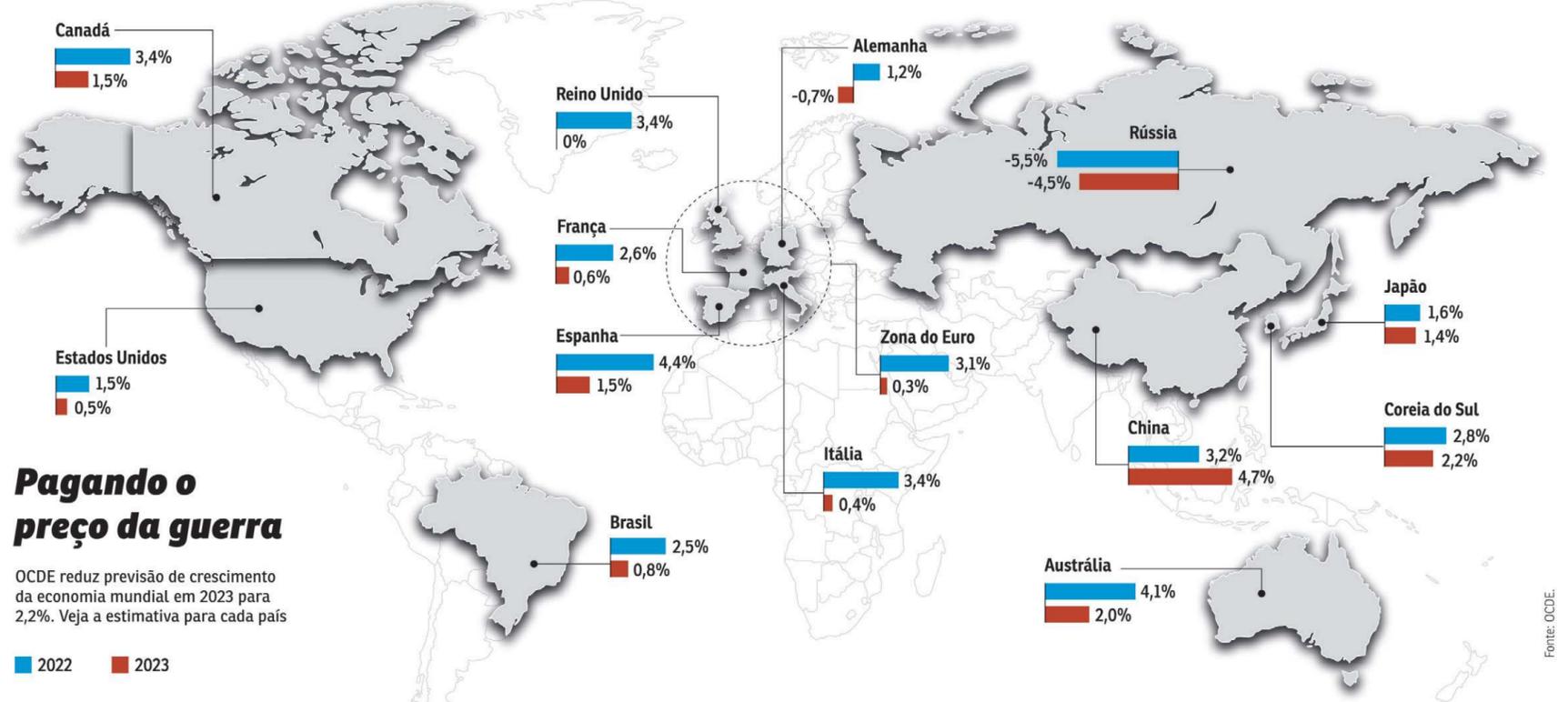
Os países do G20 devem avançar no próximo o mesmo ritmo da economia mundial, após uma redução de 0,6 ponto da perspectiva para o grupo na comparação com junho. Neste grupo, a OCDE diminuiu em 1,5 ponto a previsão para a Argentina, que deve crescer 0,4% no próximo ano, depois de um avanço calculado em 3,6% para 2022, que não teve alteração, e de 10,4% em 2021.

Riscos de recessão

O relatório projeta recessão na Alemanha e na Rússia no ano que vem. Na Alemanha, a previsão é de crescimento de 1,2% este ano, mas a economia alemã

entraria em recessão, com contração de 0,7% em 2023. E, após uma contração de 5,5% em 2022, a OCDE reduziu a estimativa para o próximo ano na Rússia, que deve registrar resultado negativo de 4,5% em 2023.

O crescimento na China também foi atingido e deve cair para uma projeção de 3,2% em 2022. Exceto pela pandemia de 2020, esta será a menor taxa de crescimento na China desde a década de 1970. Para 2023, a projeção é 4,7%. Já o crescimento da economia dos Estados Unidos seria de 0,5% em 2023, sete décimos a menos que na previsão anterior. Além dos efeitos da guerra nos preços, o aumento das taxas de juros pelos Bancos Centrais para conter a inflação e as consequências da pandemia também repercutem na economia mundial, concluiu o relatório.



Pagando o preço da guerra

OCDE reduz previsão de crescimento da economia mundial em 2023 para 2,2%. Veja a estimativa para cada país

■ 2022 ■ 2023

Inflação menor em 2022

Os economistas do mercado financeiro reduziram de 6% para 5,88% a estimativa de inflação para este ano. Segundo os dados do Relatório do Mercado Focus, divulgado pelo Banco Central, esta é a 13ª queda seguida da projeção para a inflação em 2022 e a primeira vez desde março deste ano que a previsão fica abaixo de 6%.

A meta de inflação para este ano, definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), é de 3,5% e será considerada cumprida se oscilar entre 2% e 5%. No entanto, o Banco Central já admitiu que vai estourar o teto da meta, assim como aconteceu em 2021. Para o próximo ano, a meta central foi fixada em 3,25% e será considerada formalmente cumprida se oscilar entre 1,75% e 4,75%. De acordo com o boletim Focus, a previsão para 2023 passou de 5,01% para 5%.

Os analistas também passaram a prever uma alta maior do Produto Interno Bruto (PIB) em

2022. O novo aumento acontece após a divulgação do resultado do segundo trimestre, com alta de 1,2%. A previsão dos economistas dos bancos é que a economia brasileira cresce 2,67% em 2022, contra os 2,65% previstos anteriormente. Já para 2023, a previsão de alta ficou estável em 0,50%.

Taxa de juros

Foi mantida a expectativa para a taxa básica de juros, a Selic, em 13,75% ao ano no fim de 2022. O Comitê de Política Monetária (Copom) vem sinalizando que os juros vão se manter altos por um período mais prolongado. Já para o fechamento de 2023, a expectativa dos analistas para a taxa permaneceu em 11,25% ao ano. Com isso, o mercado segue estimando queda dos juros no ano que vem.

O boletim também apontou a manutenção da moeda norte-americana em 2022 e 2023 pela

Thomas Breher por Pixabay



Moeda norte-americana chegou à maior cotação em dois meses

nona semana seguida. A estimativa para o câmbio este ano e o próximo continuou em R\$ 5,20, mesmo valor de um mês antes.

A mediana das projeções foi formada a partir de 100 instituições financeiras ouvidas na última semana.

Dólar chega a R\$ 5,38

Em pregão marcado pela aversão ao risco no exterior e a expectativa com a reta final da corrida eleitoral no Brasil, o dólar fechou em seu maior valor em dois meses. A moeda norte-americana subiu 2,52%, cotada a R\$ 5,3804. Na máxima do dia, chegou a R\$ 5,4164. Já o Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), teve queda acentuada e voltou abaixo do patamar dos 110 mil pontos. O índice encerrou com recuo de 2,33%, aos 109.114 pontos.

A cautela toma conta dos mercados em todo o mundo. Nos Estados Unidos, Dow Jones, S&P 500 e Nasdaq caíram, respectivamente, 1,11%, 1,03% e 0,60%. O Eurostoxx, índice composto por 50 ações da zona Euro, registrou recuo de 0,18%. A movimentação reflete a busca do investidor por posições defensivas,

em meio aos temores de aperto monetário mais forte nos Estados Unidos, recessão na Europa e tensões geopolíticas entre Rússia e Ucrânia.

O economista e sócio da DOM Investimentos, Thiago Caestine, atribuiu a valorização da moeda norte-americana a um fluxo global de busca por ativos mais seguros. "Quando o mercado está estressado, o investidor local sabe que o dólar é considerado o hedge dos hedges, então para se proteger contra um estresse de uma bolsa americana, europeia ou asiática, os investidores costumam comprar dólar, fazendo com que a moeda também suba", afirmou o analista, que também deu destaque à abertura da curva de juros futuros americanos.

No Reino Unido, o Banco da Inglaterra informou ontem que fará "o que for necessário para levar a inflação aos níveis da meta". O comunicado veio após o governo britânico anunciar um novo pacote de estímulos para a economia local na última semana, aumentando os temores fiscais.

Fonte: OCDE.